

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projetos
projects

expediente
credits

próxima vírus
next virus

V!19

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 02 semester

 (cc) BY-NC-SA



PAISAGENS DE PELE E PÍXEIS: LANDSCAPES OF SKIN AND PIXELS:
HISTÓRIAS URBANAS, PERCEPÇÕES URBAN HISTORY, PERCEPTION,
E IMAGENS AND IMAGES

MARIA ANGÉLICA DA SILVA
FABIO NOGUEIRA
ROSELINE OLIVEIRA
JAIANNY DUARTE

Maria Angélica da Silva é Arquiteta e Urbanista e Doutora em História, com Pós-doutorado nas universidades de Évora, Portugal, e Bolonha, Itália. É Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas, onde coordena o grupo de pesquisa Estudos da Paisagem, desde 1998. O tema do presente artigo tem sido objeto de projetos de pesquisa e artigos nos âmbitos nacional e internacional, e também fundamenta o vínculo entre o grupo de pesquisa e a AISU – Associação Italiana de História Urbana.

Roseline Oliveira é Arquiteta e Urbanista e Doutora em Arquitetura e Urbanismo, com Pós-doutorado na Universidade de Évora, Portugal. É Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, onde coordena o Programa de Pós-graduação em Dinâmica do Espaço Habitado. É membro do grupo de pesquisa Estudos da Paisagem, estudando a paisagem nordestina com foco nas questões patrimoniais e na socialização desse conhecimento.

Fabio Nogueira é Arquiteto e Urbanista e Mestre em Dinâmica do Espaço Habitado. É professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes, em Maceió, e membro do grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, na Universidade Federal de Alagoas, onde coordena o Laboratório de Criação Taba-etê. Atua no campo da teoria e prática dos processos digitais em Arquitetura e Urbanismo.

Jaianny Duarte é Arquiteta e Urbanista e Mestre em Dinâmica do Espaço Habitado. É professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Pitágoras, em Maceió, pesquisadora do grupo de pesquisa Estudos da Paisagem, da Universidade Federal de Alagoas, e membro do Laboratório de criação Taba-etê. Estuda análise de fotografias e imagens da cidade, cartografia, mobilidade e experiência urbana na cidade contemporânea.

Resumo

As cidades de hoje são também as várias cidades no tempo. Se compreendemos que as temporalidades se misturam, a história passa a se colocar como um fascinante jogo de desvendamentos. Tempo e espaço, o tangível e o intangível, sempre plurais, cruzam-se constantemente, em especial na celeridade do hoje. Dobrando-se sobre si mesmos, os tempos das cidades deixariam o desafio de como percorrer suas camadas e como empreender os estudos históricos quando se abandona o eixo vetorial. De fato, como estas camadas se apresentam, em especial nas cidades onde as experiências se acumularam por períodos temporais mais longevos? A matéria envelhece e deixa seus rastros na superfície. Como lidar com eles? Estes são os objetos de estudo sobre os quais nos debruçamos. O percurso metodológico foi iniciado com explorações em campo: antes que os livros chegassem, o contato in loco foi fundamental. No entanto, o intangível das telas digitais ofereceu mais um outro tipo de mergulho. Se por um lado, ele nos afastava da experiência com a matéria, por outro, abriu imensos horizontes e superfícies de contato. Sob tais impasses, trazemos uma reflexão sobre experiências com cidades, histórias e o digital, que integram um percurso de pesquisa colaborativo de duas décadas voltado para a construção da informação.

Palavras-chave: Cartografia, Cidades, Paisagens, Digital, Metodologia de pesquisa

ARTIGO SUBMETIDO EM 18 DE AGOSTO DE 2019

1 Explorações em campo

Um embrenhar num mundo de grande presença vegetal. O encontro entre povos que se desconheciam e passaram a conviver entre conflitos, beligerâncias, mas também se unindo no ato conjunto de edificar novas paisagens. O Nordeste do Brasil acumula uma série de experiências no que tange ao processo de fundação dos núcleos urbanos a partir do contexto da expansão ultramarina.

Quando nos deparamos com paisagens como as de Olinda, Recife, Salvador – onde o crescimento urbano apequenou os núcleos de ocupação mais antigos e os proveu de uma série de tecituras – os de Igarassu, Penedo e Itamaracá – onde estas conexões surgem aparentemente menos intrincadas –, colocamo-nos diante do desafio de saber como todas elas podem ser acessadas e convocadas a contribuir para o pensamento urbanístico contemporâneo. O processo que passamos a descrever consiste em uma forma de construir a informação, mas também em uma forma de enriquecer o presente, diversificando as ferramentas metodológicas, somando as experiências que passam pelo sensível, pela matéria, pelo corpo e pelas mídias.

O embate mínimo entre paisagens tão diversas descarta explicações genéricas sobre a construção das terras que, mais tarde, seriam chamadas de Brasil. Se suas implantações sugerem uma feição irregular, se suas principais edificações estão locadas em terreno alto, se os acessos são aquáticos, se seus caminhos são definidos por casas geminadas, tais questões se transformam em perguntas de notas de rodapé, quando consideramos as variadas feições e destinos através das quais se expressam no presente.



Fig. 1: Centro histórico de Recife a partir do rio e de Olinda. Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2013.

Se um rápido embate entre esse agrupamento de paisagens pode nos trazer inquietações desconcertantes, a ponto de colocarmos as referências clássicas sobre o tema em descanso, há um outro desafio que é o de encarar que “as coisas não estão no espaço, as coisas estão é no tempo” (ANJOS, 2001, p. 115). As palavras de Cyro dos Anjos sintetizam, de certa forma, um trabalho investigativo que busca matizar experimentos urbanos no tempo e no espaço. Ações combinadas nestas duas dimensões têm motivado as atividades do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (registrado na Base-CNPq desde 1998), sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que, dentre suas linhas de pesquisa, busca compreender como conformavam-se os antigos núcleos surgidos durante os primeiros séculos de colonização das terras brasílicas e quais as repercussões de rastros destes passados na contemporaneidade¹.

Para tanto, foi preciso criar um mecanismo de acesso a essas paisagens que priorizou as fontes primárias, entendidas como os registros de época, e dentre elas, palavras, imagens e as próprias paisagens como se colocam hoje. De fato, a investigação se inicia com longas jornadas. Viagens que atravessam o Nordeste, Minas Gerais, Rio de Janeiro. Sem uma rota muito fixa, sem o apoio extenso de leituras, mas movidas pelo ato de experimentar e de derivar. Pois, quando o grupo se punha a caminho, embora ainda não soubesse, ecoava as experiências de Guy Debord e seus colegas situacionistas, ou de Benjamin perambulando por Paris ou Moscou².



Fig. 2: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em viagens exploratórias. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2013.

Essas imersões no campo geravam, além da coleta de fontes e do registro fotográfico, a exposição pessoal das experiências através da produção de diários de bordo. Estes artefatos, que tomam diversas configurações materiais, são obras em que se busca expressar as vivências, concedendo-lhes formas, cores, texturas. Podem ser declamados, fraturados em partes, estendidos pelo chão. Mas realizados de tal maneira que o conhecimento já se fizesse vizinho da busca estética, do referenciar-se pela matéria.

Destas viagens e das inúmeras conversas sobre elas, iam, aos poucos, surgindo as perguntas de pesquisa. Individuais, mas também coletivas, à medida que se discutiam as delimitações dos temas de estudo, mas sobretudo as suas convergências. Ao final, os pesquisadores foram escolhendo uma cidade e temas de acesso. A pesquisa fixou-se inicialmente na abordagem de vinte localidades situadas numa região que se estende do Sul da Bahia até a Paraíba. Posteriormente, esse conjunto foi reduzido para cerca de uma dezena.

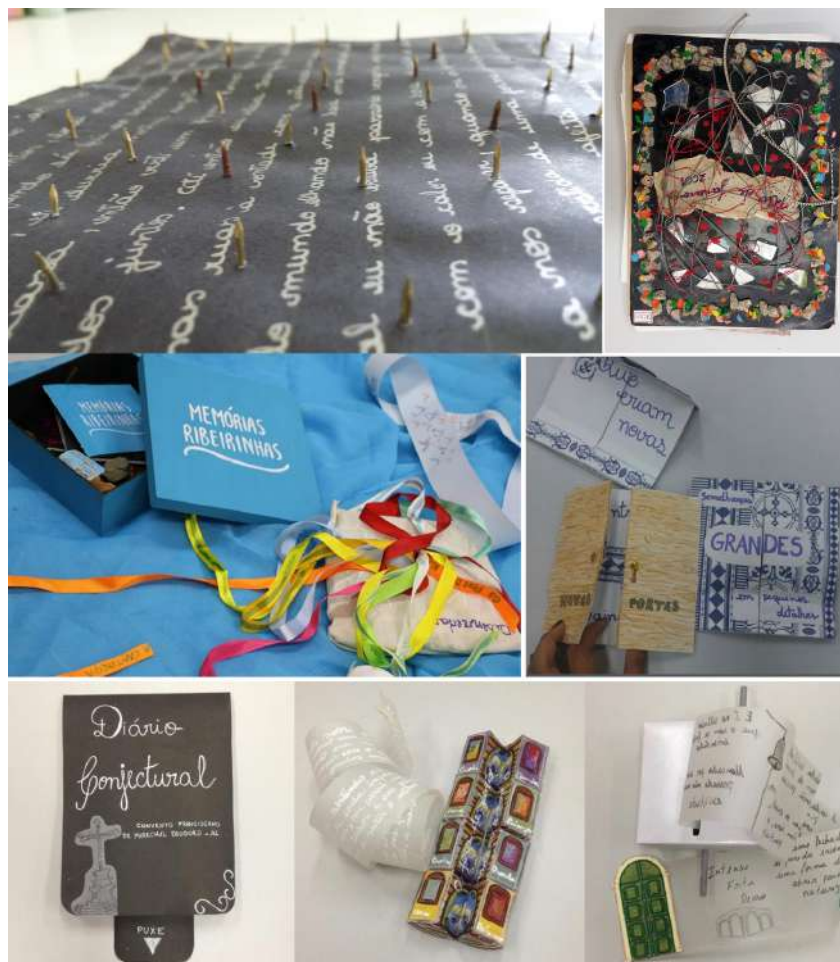


Fig. 3: Diários de bordo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2015.

Mas as imersões continuariam, agora num conjunto de registros produzidos por outros viajantes, de séculos atrás. Pois o trabalho se motivou também pelo cruzar com o repertório de escritos e imagens produzido pelos que chegaram naquelas terras em outros momentos, em especial no início do processo de colonização. Neste extenso acervo, destacaram-se dezenas de relatos de viajantes – frades, exploradores, aventureiros, agentes da guerra – mas também os belos conjuntos de mapas aquarelados da família Albernaz e todo o legado holandês. Este último, resulta de um conjunto de estratégias de domínio, guerra e comércio ocorrido entre nações europeias, que acaba por aspergir nas terras tropicais. Assim, aportam na outra margem do Atlântico as repercussões da Idade do Ouro dos Países Baixos, na qual floresceram o comércio, a ciência, a cultura e as artes. Realizam, aqui, uma extensa exploração das terras e dos habitantes daquele Novo Mundo. Os mapas, as cenas urbanas, passando pelo detalhamento de plantas e animais, nos foi deixado como fonte de estudo, colocado por um interlocutor afastado pelo tempo, mas eloquente nas suas diversas formas de expressão. Portanto, para além dos diários de bordo, da busca expressiva dos desenhos e fotos produzidos em campo, outros enormes conjuntos de informação continuaram aportando, num entrecruzar entre tempos, olhares, entre ciência e arte³.

Os relatos traziam dados fundamentais quando a meta era pensar a história das mentalidades. Por outro lado, a precisão dos dados motivava as análises comparativas com a atualidade. Porque, de início, especialmente as imagens desenhadas ou pintadas nas telas de Frans Post, por exemplo, quando recordadas com o que se viu em campo, pareciam a tal ponto familiares, expondo a continuidade de relevos geográficos, de formas de morar, de gestos e hábitos que se mantinham presentes no cotidiano, que simplesmente ofereciam uma chave, no impulso de dissolver uma compreensão ascensional do tempo.

Até mesmos os traços estampados nos enormes retratos produzidos por Albert Eckhout os provia de uma entrada estética que resultava, não só da sua observação dos habitantes da terra, mas também do seu desejo de realizar uma síntese imagética dos mesmos, numa configuração fisionômica provida de uma série de emblemas que nos dizia, para além da violência dos encontros transculturais, sobre uma possível vontade de dignificar os seres daquela terra. Já as pequenas localidades desenhadas por Frans Post fundiam-se com a natureza e apresentavam idealisticamente os africanos e seus descendentes, plácidos, em conversa ou caminhando, com suas roupas imaculadamente brancas, como se esquecidos da dimensão cruel do escravismo⁴.

Todo esse processo foi rendendo um conjunto de fontes de pesquisa obtidas a partir de uma coleta sistemática que passava também por plantas cadastrais, vistas, fotografias e representações gráficas. Assim, foi gerada uma larga base informacional que, de pesquisas em instituições locais e nacionais, se expandiu para buscas internacionais de fontes primárias, em arquivos em Portugal e Holanda, e também pelo experimentar cidades, especialmente nestes dois países. Esse conjunto de dados foi se transformando paulatinamente em uma ampla produção acadêmica, incluindo dissertações, teses, livros, projetos de pesquisa e produtos culturais executados via editais públicos.

2 Explorações virtuais e objetuais

Visto a extensa duração da pesquisa, esta foi sendo gradativamente agraciada pelo que era de início seu contraposto: a imersão virtual. Num contexto de quase vinte anos, acompanhou-se um grande avanço na disponibilização de informações que descartavam as viagens. Frente à tela, o corpo sossegava. Não havia o enfado deslocar, a perda na estrada, mas também não havia o extasiar frente à arquitetura produzida por antigos preceitos, que se fazia ver numa curva do caminho. Cada vez mais foi sendo proporcionada a fascinante viagem pelos acervos de bibliotecas, museus, galerias de arte. A terra vista de cima podia ser penetrada por um *zoom* cada vez mais preciso, e, assim, o próprio método era empregado, mas também suspenso e alterado com as novas paisagens acessadas a partir do ilimitado ciberespaço.

Contudo, o aprendizado em campo permanecia reverberando nas vivências digitais. Além da deriva, havia um treino em olhar os detalhes, de inspecionar os cantos, que continuou atravessando a experiência dos relatos e dos mapas, agora na superfície da tela. O paradigma indiciário com o qual Ginzburg batizou os esforços dos detetives, dos autores dos contos de suspense, das mulheres, dos arquivistas e inspetores de imagens como Aby Warburg (GINZBURG, 1989), guiava a experiência.

Esse olhar atento que se demora diante das entrelinhas é que proporcionava o efeito surpreendente, avesso ao que separa sujeito e objeto, que é o das coisas nos olharem de volta, retroalimentando o processo de identificação dos rastros, mesmo quando quase inteiramente cobertos pela poeira do tempo. Quase. Pois quando se supõe que não há mais evidências é que é possível ver além do que está posto diante de nós, “comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido”. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 41).

Logo, nunca podemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados [...]. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 61).

Os cruzamentos vão, então, se procedendo. Os dados essencialmente adquiridos através de estudos de imagens históricas não são mais contrapostos apenas aos seus correspondentes em campo, mas também a estas imersões virtuais. Este procedimento acabou complexificando um jogo investigativo que se iniciou modestamente, guiado pela identificação de permanências coincidentes nas paisagens e tornando a análise cada vez mais variante e plural.

O olhar incessante sobre as fontes foram trazendo perguntas específicas em termos de desenho, da identificação dos componentes urbanos e da implantação das massas edificadas, da relação entre os elementos naturais e edifícios, dos sistemas de circulação, do assentamento das povoações, dentre outros aspectos de fundo objetivo. Mas também sobre quem eram seus construtores, que gestos produziram, que sonhos, crenças e ambições perseguiam. Eram as cascas desprendendo-se em camadas, tornando-se superfícies, sintetizando em matéria as informações construídas pelo tempo.

Podemos pensar que a superfície é o que cai das coisas: que advém diretamente delas, o que se separa delas, delas procedendo, portanto. E que delas se separa para vir rastejando até nós, até a nossa vista, como retalhos de uma casca de árvore. Por menos que aceitemos nos abaixar para recolher alguns pedaços. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 67).

O intenso trabalho em grupo foi disseminando as interrogações e as certezas que flutuavam. Os processos de ensino e pesquisa conversavam entre si e mutuamente se alimentavam. O teste de procedimentos metodológicos que acontecia no âmbito do gabinete de pesquisa e sala de aula, e vice-versa, foram

adensando a experiência. O design de produtos culturais também foi uma ferramenta importante: produzir vídeos que diretamente tratassem, pela via da estética, o tema e os desafios da pesquisa e trouxessem a fagulha da arte como maneira de incrementar certezas e dúvidas, foi essencial⁵.



Fig. 4: Vídeos, exposições e produtos culturais executados pelo Grupo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

O destaque fica para o curta *Entre Céus*, onde as paisagens geradas por viagens, pela iconografia histórica, pelos textos e recursos de manipulação de imagem, se superpõem dentro do princípio de articular tempos e espaços numa mesma superfície em tela⁶.



Fig. 5: Frames capturadas do filme "Entre céus" mostrando a sobreposição de registros audiovisuais da paisagem nordestina com a iconografia seiscentista. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

Nesta altura, tínhamos um conjunto de estudos subsidiados por fontes "homogêneas", mas que vinha relativizado pelo matizar das experiências pessoais, e pela escolha individual do recorte espacial e de como construir o acesso teórico-conceitual. Tangenciavam a questão norteadora das investigações do Grupo: a lógica de implantação da urbe brasileira, a partir daquele conjunto estudado. Isso porque, para desenvolver

as investigações, determinara-se, de acordo com a expressividade/realidade paisagística de cada localidade, um elemento urbano com memória de longa duração para ser observado com mais profundidade (igrejas, fortificações, conventos, quintais, mercado, casario, caminhos...), elegendo também um mote. Por exemplo, como os edifícios religiosos desenhavam o perfil urbano, ou o desafio de reconstruir virtualmente uma edificação ou trecho de um arruamento do qual não restaram provas materiais, ou o observar da intimidade provida pelos quintais⁷.

Para avivar este exercício, coube buscar as diferenças e tentar observar até que ponto elas ocorreram devido à obra do tempo, dando subsídios às discussões acerca do patrimônio urbano, em termos de sua apreensão e reconhecimento.

Os itens da matriz gerada a partir deste processo puderam ser reconhecidos nas localidades e nas imagens, após a catalogação do conjunto iconográfico antigo, tradução de legendas, revisão bibliográfica sobre a história das povoações e comparações entre as antigas imagens e o quadro urbano atual. Vale dizer que as localidades foram observadas, buscando indagar a respeito de uma série de aspectos que a literatura clássica da história urbana brasileira veio afirmando no correr das décadas. Estes aspectos foram verificados dentro do contexto de estudo de cada uma delas. As sínteses gráficas permitiram um exercício de visualização de cruzamento de dados paisagísticos.

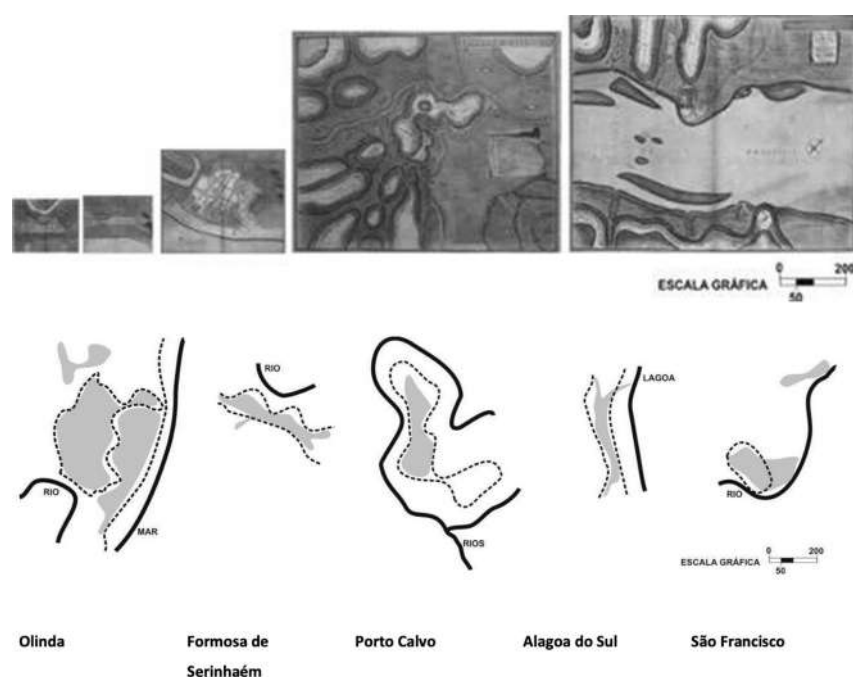


Fig. 6: Sínteses gráficas para vias de comparação das situações urbanas seiscentistas dos atuais municípios nordestinos de Olinda, Sirinhaém, Porto Calvo, Marechal Deodoro e Penedo, mostrando a mancha de aglomerado de edifícios, linhas de massas de água e tracejado de curvas de nível, baseadas nos registros elaborados por George Marcgrave que integram o livro de Gaspar Barléus, de 1647. Fonte: OLIVEIRA, 2018, p.167 e 170.

No processo de observação desse material, não apenas procurou-se reconhecer os traços físicos dos locais estudados, como também considerar a própria forma como essas informações foram registradas, admitindo as expressões pictóricas dos autores como a composição de uma história, de uma narrativa de dimensões técnicas, políticas e artísticas.

De fato, os registros visuais que foram trabalhados traziam com eles, de uma forma não verbal, informações que iam além do que se pretendia representar. Prosseguindo, o processo de confecção de novas imagens produziu cartografias outras e, nesse sentido, cartografar informações foi um exercício de reconhecimento para além dos mais variados aspectos de um local ou paisagem que se tem expectativa.

A cartografia é um mecanismo de representação que pode ter, no seu produto, um dispositivo finito, mas não necessariamente fechado em sua finitude. Essa flexibilidade possível nos mapas não é sempre explorada. Entretanto, a variedade dos recursos disponíveis na cartografia permite que ela seja um instrumento que atenda desde os parâmetros mais técnicos, buscando relacionar os elementos retratados, o "dado", uma quantificação pautada em procedimentos que visem a uma maior compreensão do "real", até os mais abstratos, permitindo ao autor a

manipulação das informações de forma a construir uma ideia ou interpretação mais livre do ato de mapear. (CERQUEIRA, 2014, p. 143).

Portanto, cartografar significou recriar as imagens com outra potência de significado e outros enigmas. As cartografias digitais moveram-se pelo mesmo princípio que gerou a observação das antigas imagens, em um jogo voltado para o elucidar e informar, mas também por abrir-se para o terreno mais movediço das interpretações e do preenchimento de possíveis vácuos. Assim, o impulso de informar nunca foi o de elucidar as dúvidas de forma total, mas de empreender a construção de um outro patamar de certezas, possivelmente a ser fraturado no futuro.

3 Explorações em píxeis

Com o suporte das tecnologias digitais, ampliaram-se as possibilidades de análise, permitindo-se mais livremente, no meio virtual, a comparação, sobreposição de documentos e tempos. Por outro lado, já se deparava com um outro desafio que era o de como futuramente tornar esse estudo acessível, valendo-se não apenas dos dados específicos sobre o tema, mas do conhecimento produzido e proporcionado pelo embate – comparações e sobreposições – com os documentos de outros tempos.

Se, nesta missão de desvendar as camadas paisagísticas de lugares nordestinos do Brasil, a informação foi sendo construída através da imersão do pesquisador, o desafio das explorações no campo das experimentações visuais também foi, aos poucos, se revelando, e estas investidas foram se colocando como passíveis de interpretação.

Em um primeiro momento, frente às possibilidades de ampliação do conjunto iconográfico ofertado pela Internet, foi imprescindível pesquisar, conhecer e percorrer outros acervos e antologias, desta vez essencialmente pela via da imaterialidade. Então, operacionalizou-se uma consulta sistemática aos espaços digitais. A facilidade de acesso às imagens de satélite, com atualizações cada vez mais regulares, e o avanço do seu desdobramento em volumes tridimensionais, paradoxalmente aproximaram ainda mais da experiência concreta com as localidades estudadas. Pois agora era possível contemplar esses lugares com perspectivas semelhantes aos pioneiros no registro: do alto, como faziam os cartógrafos, parametrizando os dados não mais pelo posicionamento das estrelas, mas utilizando os recursos disponibilizados pela tecnologia. Derivas foram realizadas, dessa vez experimentando, assim, uma outra materialidade, ao se perceber as mudanças que estas paisagens vivenciaram com o tempo, todas elas, agora, planejadas na concretude de uma tela.

A princípio, o emprego das técnicas de edição e desenho digitais se limitava a, de certa forma, ratificar o que estava sendo abordado pelo referencial teórico da pesquisa documental. Tinha como fio condutor a produção textual e o próprio material iconográfico primário, fazendo com que, de certo modo, as abordagens iniciais operassem ainda em uma lógica estética/formal que buscava preservar seu cunho didático. Com o decorrer do tempo e a conseqüente aproximação da equipe com o processo de “descobrimto” destes conjuntos urbanos, as abordagens no âmbito imagético foram ganhando autonomia. Assim, os procedimentos de manipulação e formatação se revelaram também fontes relevantes para o trabalho. O uso das ferramentas digitais de diagramação, produção e edição de imagens, associado a gestos diversos, tais como a sobreposição, recortes, destaques, ampliações, dentre muitos outros, foram construindo também informações sobre estas cidades⁸.

Produziu-se, portanto, uma espécie de releitura e complemento do material, estendendo a condição autoral também aos que realizaram a pesquisa essencialmente nas bases digitais, convergindo com o que colocou Vilém Flusser sobre o universo das imagens técnicas:

O “artista” deixa de ser visto enquanto criador e passa a ser visto enquanto jogador que brinca com pedaços disponíveis de informação. Esta é precisamente a definição do termo “diálogo”: troca de pedaços disponíveis de informação. [...] O método a que recorre nesse jogo não é o de uma “inspiração” qualquer (divina ou antidivina), mas sim o do diálogo com os outros e consigo mesmo: um diálogo que lhe permita elaborar inform ação nova junto com informações recebidas ou com informações já armazenadas. Devemos imaginar esse jogo produtivo de informações dentro de uma rede dialógica, tornada atualmente tecnicamente viável graças à telemática e a seus gadgets (FLUSSER, 2008, p. 122).

A decisão de apresentar textos e imagens associados, nesta missão de iluminar o processo de conformação da pesquisa, também buscou encontrar mecanismos de convidar o leitor/espectador a fazer o mesmo movimento. Se, no início, as intervenções imagéticas buscavam um certo viés de confirmação, quase guiando

o olhar do leitor para o que a pesquisa queria enfatizar, com o tempo, também se passou a investir na postura inversa. Assim, adotaram-se movimentos como o de silenciar e evidenciar as ausências e permanências através dessas superfícies, que buscariam aguçar a curiosidade e despertar questionamentos para além da apresentação dos resultados como sínteses em imagem.

A prática de cruzar um conhecimento mais tradicional no campo das humanidades, neste caso específico ligado à história urbana brasileira, com os latentes ganhos trazidos pelas ferramentas digitais de edição e visualização, culminou na aproximação com a abordagem de produção do conhecimento denominada como “humanidades digitais”.

A definição de humanidades digitais não é um campo homogêneo e sim uma matriz de práticas convergentes que exploram um universo em que: a) o material físico não é mais exclusivo ou a norma na qual o conhecimento é produzido e/ou disseminado, pelo contrário, eles se encontram imersos em novas configurações multimídia; e b) as ferramentas, técnicas e mídias digitais têm alterado a produção e disseminação do conhecimento nas artes, ciências humanas e sociais. (PRESNER, et al., 2009, s.p., tradução nossa)

Dentre possibilidades plurais, foi possível elencar alguns gestos mais recorrentes dentro desse processo. Por exemplo, na intenção de conjecturar acerca das ausências e permanências e como foram moldando a produção dos espaços nas cidades estudadas, a ação de justapor as informações visuais nos forneceu pistas significativas. Ao estudar Marechal Deodoro, primeira capital do estado de Alagoas, uma das principais referências foi a produção cartográfica de George Marcgrave (1647) intitulada *Pagus Alagoae Australis*. No mapa, além de ser perceptível o registro do arruamento do núcleo urbano, na época, e da laguna Manguaba, aparecem representados alguns edifícios: uma fortificação (reduto), duas construções religiosas e dois conjuntos de casarios. Sabendo-se que, na atual cidade de Marechal Deodoro, alguns destes pontos edificadas ainda se fazem permanentes na paisagem, foi realizada uma série de tentativas de chegar na mais exequível possibilidade de sobreposição dos elementos do mapa holandês com a situação atual deste trecho da cidade.

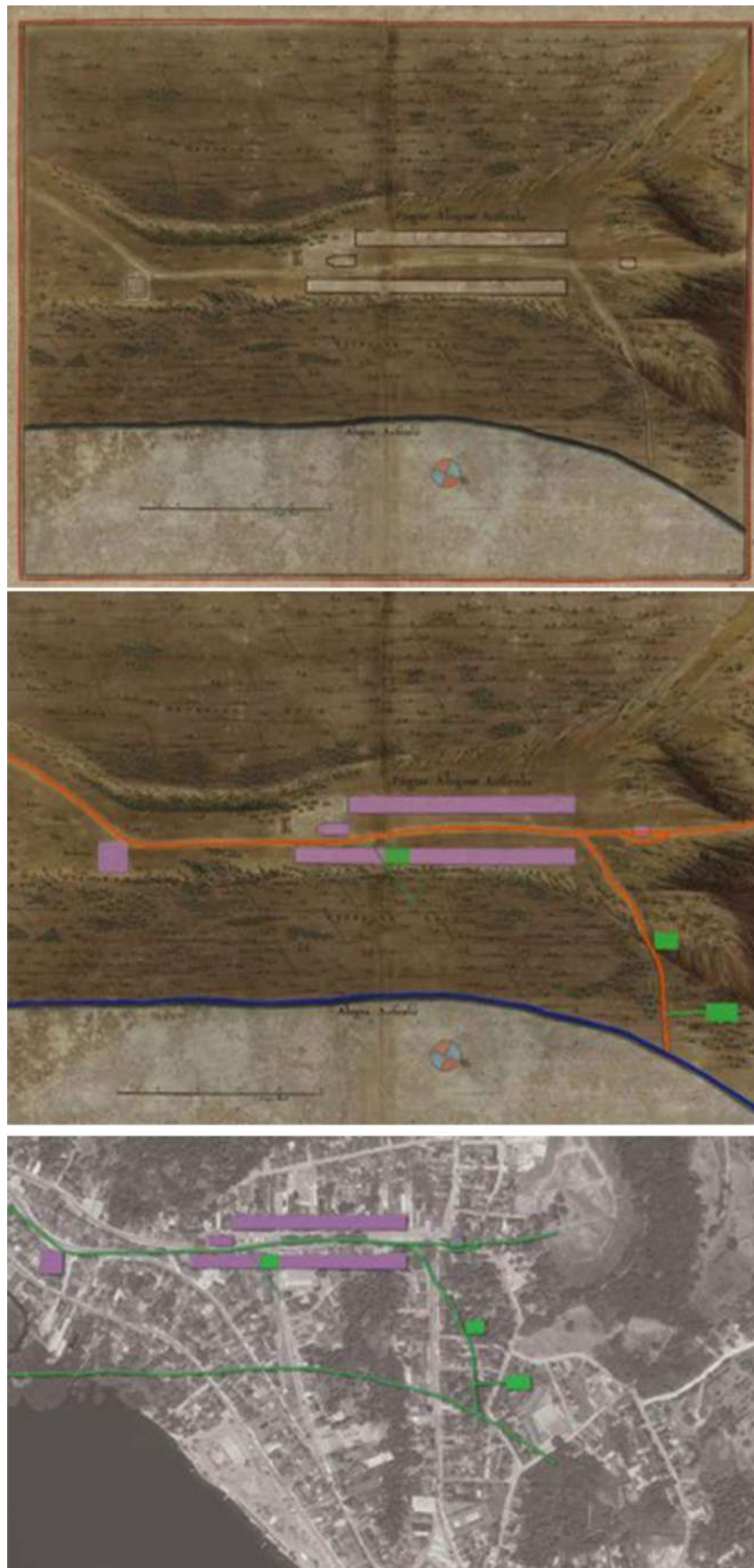


Fig. 7: Sobreposição dos elementos extraídos do mapa de Marcgrave com a imagem atual da cidade, tendo como referência suas permanências edificadas. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2018.

Balizada por estes pontos fixos, a sobreposição das imagens nos faz conjecturar acerca do processo de alterações da paisagem, na forma de adensamentos, rotas de expansão, bem como revela as transformações que o sítio sofreu nos últimos quatro séculos. Além disso, as possíveis distorções e limitações técnicas da representação seiscentista ficam evidentes e são pontos a serem discutidos e aprofundados pela pesquisa.

Durante as análises, houve também a necessidade de enfatizar determinados aspectos nas vistas, mapas e fotografias. Com esta ação, foi possível deixar mais compreensível elementos importantes para o entendimento sobre o processo de conformação da cidade, guiando o leitor na visualização de argumentos construídos textualmente. No caso do exame da produção cartográfica da cidade de Penedo, também situada em Alagoas, ao conjecturar sobre a influência do forte *Mauritius*, representado em um mapa de Vingboons (1652-1670), a intervenção gráfica buscou, além de identificar seus elementos urbanos (edifícios e arruamentos), destacá-los para subsidiar a compreensão de quais deles ainda se fazem presentes no tecido da cidade, visto que não se tem resquícios materiais atuais da presença do forte.



Fig. 8: Recorte da representação de Vingboons da cidade de Penedo, onde foram destacados alguns elementos urbanos e edificados ainda recorrentes na espacialidade da cidade em vista aérea. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2018.

Uma postura que perpassou toda a pesquisa foi a atitude de comparar. A partir do cruzamento entre diversas instâncias iconográficas, das mais tradicionais, como os mapas e as vistas desenhadas, até as possibilidades abertas pelo fácil acesso a imagens de satélite e fotografias, uma outra camada relevante de informação foi construída sobre os estudos das cidades em questão.

Inicialmente, dentro desta abordagem, podemos ressaltar a ação de confrontar diferentes versões do registro de um mesmo território em variados contextos e temporalidades. Foi o caso do estudo de Igarassu, que, inclusive, possibilitou realizar tal confronto com relativo sucesso, ao considerar as confluências temporais entre uma vista elaborada por Frans Post e uma fotografia atual. Neste caso, exigiu-se das mãos um trabalho de manipulação gráfica e documental ao que se refere à aproximação de escala, proporção e posicionamento das fontes e de reconhecimento de seus conteúdos – artifícios compositivos que a pesquisa conclui ter sido também utilizado pelo próprio artista. Otimizando seu trabalho, supõe-se que combinava a tarefa de registrar com fidelidade a nova terra com a compactação da maior quantidade possível de informações pertinentes e esteticamente interessantes numa única tela.



Fig. 9: Análise comparativa que toma como referência a vista de Frans Post sobre a cidade de Igarassu. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2018.

Também na conferência entre mapas e vistas sobre a cidade de João Pessoa, Paraíba, as possibilidades de edição de imagens colaboraram na construção de informação imagética. O gesto comparativo entre duas vistas de Frans Post e um mapa originou a imagem que sintetiza os estudos sobre a cidade, na procura e identificação dos elementos edificados na paisagem no século XVII.

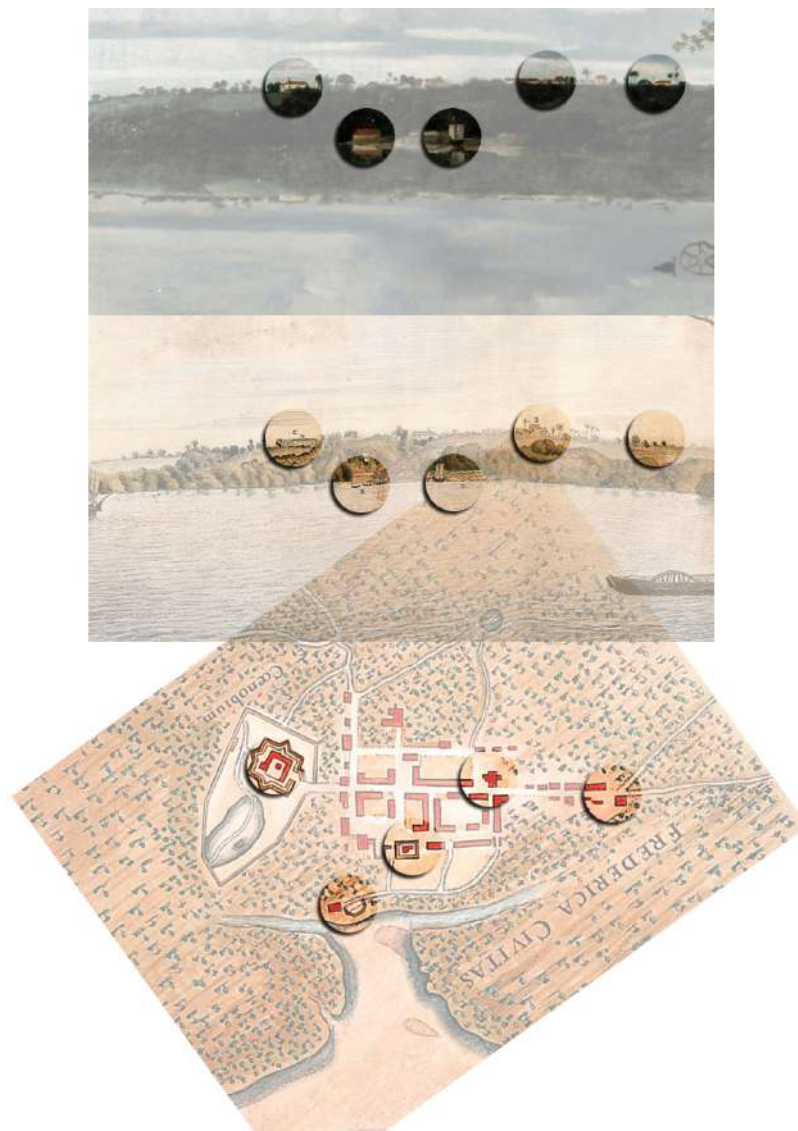


Fig. 10: Estudo comparativo síntese entre as vistas de Frans Post e mapa da antiga Filipéia, atual cidade de João Pessoa.
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2018.

Superposições também ajudaram a compreender um pouco acerca da noção de dimensão, em termos de escala no território, que estes documentos imagéticos se propunham a registrar. Como nem sempre eles são acompanhados por indicação de escala, ou, quando existem, fazem referência a sistemas de medidas adotados no passado, a manipulação digital nos auxilia, deixando-se certamente uma determinada margem de interpretação. O estudo cartográfico produzido sobre a cidade de Porto Calvo, importante palco da guerra holandesa, dentre eles os mapas seiscentistas de Vingboons, Marcgrave e Grondeville, nos permitiu dimensionar visualmente as áreas limites que cada documento tomou para representar esta parte do então território da capitania de Pernambuco. A imagem síntese gerada pela pesquisa a partir da comparação de seus elementos em comum demonstra que o mapa de Marcgrave representa uma área mais abrangente do que a dos outros cartógrafos, possibilitando não só ratificar as equivalências como também as ausências, em termos de representação.

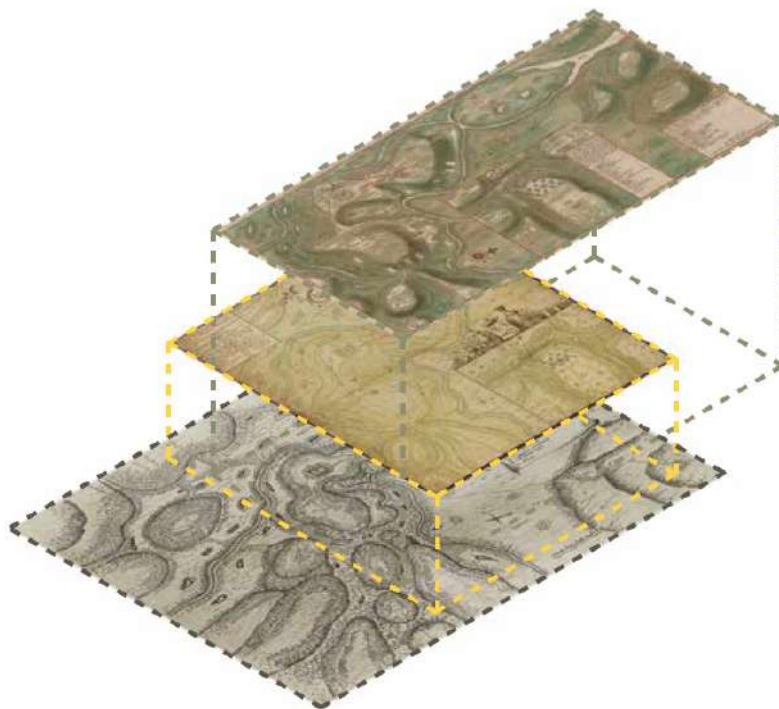


Fig. 11: Sobreposição entre os mapas de Marcgrave, Vingboons e Grondeville. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2018.

4 Conclusão

O percurso investigativo, aqui brevemente apresentado, demonstra que a história e suas fontes podem ser inspiradoras quando as tratamos, também elas, como tema de discussão e objeto de observação. Comparações, sobreposições, destaques que, num primeiro momento podem ser vistos enquanto explorações metodológicas que simplesmente buscam aproximar dados em comum ou demonstrar as diferenças, acabam por mostrar, neste exercício que coloca lugares urbanos em análise individual mas também em rede, como as imagens são aptas a realizar os mais diferentes jogos: disfarçar, introduzir ou excluir um determinado dado, elevar certa informação, ou diminuir outra. Comprovam as difíceis habilidades de conhecer, sintetizar e demonstrar, sempre a mercê da interpretação e, certamente, do acaso. Portanto, expressam as faculdades inerentes ao ato de informar.

Se nos apossamos da ideia das paisagens como cofres ou arquivos, essa mudança da forma de olhar vai requerer a construção de estratégias para aproveitar o potencial da matéria. Algumas podem ser diretamente manipuladas, como os legados de registros textuais e iconográficos, outras precisam ser transformadas para permitir a manipulação, como o caso das representações para estudos urbanos comparados. Além disso, quando se tem a subjetividade como um ingrediente do conhecimento, assume-se o artifício e a criação como ferramentas de pesquisa.

Esses acessos contemporâneos à história da cidade adotam uma via de conhecimento, não como a de um forasteiro que se coloca fora do que é representado, mas como exploradores que, do presente, preparam seus corpos para reconhecer rastros do tempo. Pois se, inicialmente, o processo demandava viajar, sentir na pele os lugares, a seguir, o acessar e construir a informação impôs o adentrar pela floresta de signos luminosos, o mergulhar na paisagem de píxeis. De fato, embora a Internet ofereça caminhos bem traçados, de fundo binário, eles se expressam numa enorme quantidade de dados disponíveis a permitir inúmeros desdobramentos rizomáticos, o que acaba por criar um certo tipo de caos, onde ecoa a ideia de deriva.

A tentativa de documentar, neste trabalho, uma abordagem metodológica que trata as imagens como pequenos rastros de tempo visíveis, foi, portanto, marcada por um incessante desejo de experimentar os lugares concretos e midiáticos.

As ferramentas digitais contribuíram, além disso, para observar a complexidade da história como um campo afável, passível de ser atravessado pela alegria do brincar. O digital sempre soube contemplar esse aspecto em suas mais diversas fases de aprimoramento, expresso na postura de nunca abandonar o mundo dos games, enquanto se preparava para edificar a imensa plataforma onde a vida contemporânea encontra, hoje, seu suporte e desafio. Portanto, fez ecoar no trajeto da pesquisa aqui exposta e dos seus resultados, as possibilidades lúdicas que podem positivamente atravessar a construção da informação.

Referências

- ANJOS, C. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Os amigos do Livro, 1937.
- BENJAMIN, W. *Diário de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CERQUEIRA, L. M. M. *Habitar a beira-rio: narrativas sobre uma cartografia da vida ribeirinha a partir de Penedo, AL*. Dissertação (Mestrado em Dinâmica do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- DEBORD, G. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional (1958). In: JACQUES, P. B. (Org). *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 45-60.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ENTRE céus. Direção: Alice Jardim. Maceió, Estudos da Paisagem; Tabaêê; Filmes Atroá, 2014. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://vimeo.com/104818237#at=1>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. *Revista Arquitextos*, ano 8, 2008.
- OLIVEIRA, R. V. S. *As vilas e seus gestos urbanos: o desenho de seis núcleos de origem colonial no contexto da representação textual e iconográfica dos séculos XVI e XVII*. Maceió: Edufal/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.
- PRESNER, T. et al. *Digital Humanities Manifesto 2.0*. Disponível em: http://www.humanitiesblast.com/manifesto/Manifesto_V2.pdf. Acesso em 14 ago. 2019.
- REIS FILHO, N. G. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: FAPESP, 2000.
- SADLER, S. *The situationist city*. Massachusetts: The MIT Press, 1999.
- SILVA, M. A. da. Habitar o espaço, produzir com as mãos: experiências em dinâmicas do espaço habitado na Fau/Ufal. *Revista Ímpeto*, Maceió, n. 5, p. 6-10, 2016.
- SILVA, M. A. (Org). *O olhar holandês e o Novo Mundo*. Maceió: Edufal, 2011.

1 Sobre o Grupo, ver <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/14475> e <http://www.fau.ufal.br/grupopesquisa/estudosdapaisagem/>.

2 Esta série de viagens foi realizada a partir de financiamentos obtidos através da aprovação de vários projetos de pesquisas submetidos a editais do CNPq, CAPES, Petrobrás e FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas).

3 Uma das metas do projeto foi aferir a qualidade destas imagens com relação ao seu caráter de fidelidade representacional, trilhando caminhos facilitados, especialmente, por trabalhos prévios realizados pelos professores Nestor Goulart Reis Filho e José Luiz Mota Menezes. Foi de valiosa ajuda em especial o livro "Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial", por generosamente prover aos pesquisadores da história das cidades a mais extensa e minuciosa catalogação de imagens urbanas do Brasil até então publicada.

4 Sobre este tema das imagens holandesas reportando as paisagens nordestinas na obra destes dois artistas, ver Silva (2011).

5 Um outro aspecto determinante na abordagem do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem é a disposição em associar os métodos de investigação mais tradicionais com o campo da arte, da experimentação e do design de produtos culturais. Deste modo, os resultados dos estudos ganham outro corpo para além do formato acadêmico, ao se especializarem, por exemplo, na condição de eventos, exposições, produções audiovisuais, livros, etc.. Trata-se de um esforço de não só sintetizar o conteúdo em imagem, mas de garantir que a informação possa ser acessada e transmitida utilizando outros canais. Neste sentido, foi fundado o Laboratório de Criação Taba-ê-tê, que é a extensão do Grupo que realiza os trabalhos de design de produtos culturais, cuja concepção está sempre conectada ao processo de pesquisa. O nome adotado traz os vocábulos dos nativos usados para nomear os aglomerados urbanos que surgiam nos primórdios da colonização.

6 O vídeo foi selecionado em Portugal para o Festival Arquiteturas Film. <http://www.alagoasboreal.com.br/noticia/5b5b4a6c77b5b4529a6f8566/em-portugal-curta-metragem-entre-ceus-de-alice-jardim-e-selecionado-para-festival-arquiteturas-film>. Acesso em: 10 ago. 2019. <http://www.kinoforum.org.br/curtas/2015/filme/40913/entre-ceus>. Acesso em: 10 ago. 2019. Ganhou o Troféu Cinememória como melhor documentário no 4º Curta Brasília, em 2015. <https://noticias.r7.com/distrito-federal/festival-curta-brasilia-anuncia-vencedores-apos-quase-100-horas-de-atividades-21122015>. Acesso em: 16 ago. 2019. Prêmio ALGÁS de melhor documentário da V Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2014), e também de melhor fotografia e melhor montagem na mesma mostra. <http://alagoar.com.br/mostra-sururu/2014-2/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

7 Como base informacional, adotou-se, inicialmente, um formato para a catalogação e organização do conjunto de dados sobre cada núcleo urbano estudado, composto de fontes textuais de época e atuais, de imagens submetidas a tratamento digital e análise descritiva. Vale dizer que a etapa de descrição imagética foi favorecida pela revisão dos relatos de época, agrupados em formato de antologia. Com base no conteúdo dos relatos e das fichas catalográficas, criou-se um modelo para a formatação dos resultados, buscando montar uma matriz que provesse os dados de uma determinada homogeneização.

8 Foram utilizados programas computacionais como *AutoCAD*, *Photoshop*, *Illustrator*, *InDesign*, *Google Earth*, *Google Steet View*.